

O Papel de Mediação da Epígrafe — o caso lamartiniano

Uma mera experiência de leitura pode frequentemente significar não só o encontro com um texto, mas também o estabelecimento de um contacto com uma literatura estrangeira. Na verdade, a intervenção da epígrafe no fenómeno literário é um dos veículos mais explícitos que permitirá um conjunto de trocas, não apenas de sentido como ainda de cunho cultural entre diferentes literaturas. A sua presença aproxima desde logo, duas experiências poéticas distintas, sugerindo hipóteses de contaminação ou pelo menos testemunhando o reconhecimento da existência do Outro.

Procurando otimizar a terminologia relativa às questões de *transtextualidade* (1), Gérard Genette em *Palimpsestes* leva a cabo uma dilucidação dos diferentes conceitos operatórios, definindo nesse campo *paratextualidade* como “relation, généralement moins explicite et plus distante, que dans l'ensemble formé par une oeuvre littéraire, le texte proprement dit entretient avec ce que l'on ne peut guère nommer que son paratexte (...)” ou conjunto de “signaux (...) qui procurent au texte un entourage» (2). E se os textos prefaciais ou os posfácios, por exemplo, integram o domínio paratextual, também a epígrafe enquanto “un bord d'oeuvre” e “citation placée en exergue”(3) se pode aí situar.

Porém, o que nos importa sobretudo é equacionar o papel da epígrafe no universo textual, não tanto pelas relações que se instauram entre ela e o texto mas particularmente pelo que a sua presença implica de acção sobre o leitor e vice-versa. Com efeito, se é fundamental pôr em evidência as funções mais ou menos explícitas que a epígrafe estabelece com um dado texto, desde o papel de comentário do título ou do texto até ao seu funcionamento como caução ou “signal de culture”, (4), não pode de modo algum ser descurado o conjunto de relações que o uso da epígrafe condiciona num processo de recepção. Na verdade, a análise da(s) epígrafe(s) no conjunto da obra de um autor ou de autores pertencentes a uma mesma geração ou partilhando atitudes estéticas particulares poderá ser uma tarefa a não menosprezar pelo seu valor subsidiário (embora exija por vezes uma paciência beneditina), no que diz respeito a uma correcta avaliação da difusão de um autor estrangeiro noutras literaturas. E será desnecessário recordar que para além da circulação de um escritor com opções literárias específicas num universo outro, está também em causa a sua pertença cultural que com ele viaja. É esta a reflexão que nos propomos aqui levar a cabo lançando mão dum autor por nós já trabalhado relativamente à sua presença no discurso crítico do séc. XIX e à difusão da sua obra pela tradução (5), o que nos permitirá testar (perdoe-se-nos a ousadia) o carácter pertinente deste tipo de pesquisa.

Relação epígrafe/texto e acção sobre o leitor

Desde logo, a epígrafe instaura num texto o vazio, uma ruptura, dando lugar ao tempo da interrogação que surge para o preencher. Senão vejamos: servirá este fragmento como sinal, como orientação à leitura? Clarifica ou antes pelo contrário esconde os segmentos estruturantes do texto? Estas algumas tentativas de descoberta do seu sentido, do porquê da sua presença que todo o leitor experimenta.

Na verdade, quando atentamos nos poemas coligidos — buscados em periódicos do século passado e em antologias poéticas, escolhendo voluntariamente apenas produção em verso — (6), ficamos um pouco surpresos pelo facto de ser tão ténue a marca no texto da epígrafe lamartiniana. Estaríamos por certo à espera de situações de paráfrase, de imitações claras de um autor que tanta fortuna conheceu e que de algum modo foi seguido por quem então poetava entre os anos 40 e 60.

Para além disso, o eventual efeito de comentário do título ou do texto (7) existe apenas difusamente. Quando cotejada a epígrafe e o texto a que pertence com o poema respectivo, quase só se regista uma ocorrência lexicómica comum ou a partilha dum mesmo vector temático. Em "Adeus" de Luiz Carlos (8) apenas o lexema *Adeus* aproxima os dois textos, pois em "Adieux à la poésie" (9) o afastamento verificado dá-se em relação à actividade poética, enquanto no texto português se trata de não ser merecedor duma bela visão de mulher. Noutros casos, o denominador comum (comum aos dois textos mas também a tantos outros), reside na exploração do elemento funéreo tão do agrado da época (10). O amor, o sofrimento, a morte ou a separação são vectores temáticos por vezes coincidentes, cujo tratamento não é necessariamente devedor de Lamartine. Excepção encontramos-a sim em "Passando nos choupos que a limfa retrata" de Amélia Janny (11).

Porém, textos como "Le désespoir" em que se reflecte sobre o transcendente, o sentido último da vida humana ou sobre o devir temporal, quando eleitos para introduzir determinado poema não são acompanhados nesse pendor reflexivo, na sua densidade e complexidade, dando assim lugar a textos de algum modo banais e simplistas nos quais a necessidade de problematização existencial não se faz sentir. Não é o caso dos textos garretianos de **Flores sem Fruto** (12), mas são exemplo do que afirmamos textos de Luis Augusto Palmeirim e de Camilo Castelo Branco (13). Exemplo extremo de enormes dificuldades na procura de sentido para a ruptura que se estabelece entre a epígrafe e o poema, temo-lo ainda em Camilo com "Eu vi gemer, sosinha, em desabrigo" (14).

Se nos lembrarmos mais propriamente da geração apelidada de ultraromântica que reúne poetas-epígonos em torno do modelo lamartiniano, não

podemos senão lembrar quase sempre um lirismo piegas que não iguala a veia do poeta francês e que a presença relevante de epígrafes de gosto neoclássico torna mais flagrante.

Os poucos exemplos referidos mostram uma relação pouco fecunda entre a epígrafe escolhida e o conteúdo do poema. Daí que a atenção se volte para o autor do segmento, muito mais do que para o segmento propriamente dito. E neste percurso da interrogação, na tentativa de compreender esta presença, apercebemo-nos (ou queremos que assim seja) da circunscrição de um espaço estético de pertença, de que o autor terá consciência e que o filia — a ele e à sua criação — numa sensibilidade romântica. Deste modo, é ainda a sua bagagem literária e cultural ⁽¹⁵⁾ que se manifesta, deixando supor leituras e opções estéticas particulares.

A ocorrência de segmentos textuais lamartinianos em autores portugueses dá conta dum conhecimento bastante completo da obra do romântico francês, já que grande parte da sua produção se encontra aqui representada, destacando-se como não podia deixar de ser todas as **Méditations** ⁽¹⁶⁾ e as **Harmonies Poétiques**, mas também os textos saídos na **Edition des Souscripteurs** ou **Voyage en Orient**.

Como vimos, a epígrafe buscada na obra de Lamartine apresenta predominantemente um valor decorativo, funcionando apesar de tudo ao nível da leitura como hipotética chave para o destinatário. Funciona ainda como receptáculo de marcas literárias e, de um modo mais englobante, culturais, convocadas inelutavelmente no espaço textual, não podendo o leitor escapar-se ao seu raio de acção.

A opção pela epígrafe não deixa então de redundar no "effet épigraphe" ⁽¹⁷⁾ na expressão de Genette, na medida em que pode ser reveladora da pertença a um género, apelando para a memória literária do leitor, mas ainda portadora duma temporalidade específica, a sua pertença epocal.

A epígrafe tem assim o valor de autoridade, cauciona o texto integrando o autor e o seu texto numa série histórica objectiva ou mais particularmente numa série histórico-literária objectiva. Se não tem o valor de prefácio, de síntese explicativa, serve pelo menos como *carta de recomendação*.

A acção do leitor sobre o texto

A escolha duma epígrafe implica uma carga, mínima que seja, de reflexão; a escolha feita com base num gosto estético determinado que não é apenas o do autor, mas no caso vertente o de uma época ou pelo menos de uma geração, não é de todo inocente pois funcionará como meio de apresentação e de reconhecimento, permitindo o estabelecimento duma

relação não só comunicativa, como ainda afectiva entre destinador e destinatário. Significa este facto que o leitor é já instância participante numa etapa primeira de criação; ele é uma força produtiva literária. O leitor é então companheiro de viagem do autor no seu percurso criativo e por esse motivo pode agir sobre ele.

O facto deste *corpus* revelar como dissemos a ausência da glosa ou mesmo de eventual paródia, permite-nos conceber de forma mais clara a presença da epígrafe enquanto resposta a um leitor cúmplice do criador do texto porque partilha experiências estéticas semelhantes. Com efeito, para o leitor da época e no período por nós referido, a obra lamartiniana seja ela em verso ou em prosa faz parte da sua biblioteca, dos textos a não deixar de ler. O texto então com esse seu "bord d'oeuvre" não cria apenas um tempo e um espaço da interrogação, mas paradoxal e concomitantemente anula-os.

Assim, a epígrafe pode ser vista como um documento ou pelo menos um sinal, reflexo das reacções, do horizonte de expectativas do público leitor de uma dada sincronia. Surge ainda como condicionadora a (i)legibilidade de um texto na medida em que implica de alguma forma a intervenção dum código literário que terá de ser pelo menos parcialmente comum ao destinador e destinatário. A epígrafe assume um papel de mediação entre diferentes instâncias: entre um autor e outro autor-leitor, entre o autor e o seu leitor e por consequência entre duas literaturas.

Maria de Fátima Outeirinho
Universidade do Porto

NOTAS

- (1) CF. GENETTE, Gérard — *Introduction à l'Architexte*, Paris, Seuil, 1979.
- (2) GENETTE, Gérard — *Palimpsestes*, Paris, Seuil, 1982, p. 9.
- (3) GENETTE, Gérard — *Seuils*, Paris, Seuil, 1987, p. 134.
- (4) *Idem*.
- (5) *Lamartine em Portugal. Alguns Aspectos da sua Recepção (1840-1890)*, tese de mestrado dact., Porto, Fac. de Letras do Porto, 1988.
- (6) Procuramos recortar o nosso *corpus* dentro dum âmbito cronológico revelador da fortuna de Lamartine em Portugal, entre os anos 40 e 60 (facto por nós constatado no trabalho já referido). Procuramos ainda colhê-lo em espaços diversificados; não só em Lisboa e Porto, mas também na província. Dos periódicos consultados destacamos *A Ilustração*, *Jornal Universal*, Lisboa, 1845-1846, *Revista Universal Lisbonense*, Lisboa, 1841-1857, *Prelúdios Litterarios*, 1858, *O Bardo*, Porto, 1857 ou *O Novo Trovador*, Coimbra, 1851-1856.
No que diz respeito às antologias poéticas, percorremos os autores e obras inscritos nesse mesmo período.
- (7) Cf. *Seuils*, *op. cit.*, pp. 145-149, onde se reflecte sobre as possíveis funções da epígrafe.
- (8) CARLOS, Luiz — "Adeus" in *Hymnos e Flores*, Coimbra, nº 18, 1863, p. 146.
- (9) LAMARTINE, Alphonse de — "Adieux à la poésie" in *Nouvelles Méditations Poétiques. Oeuvres Poétiques*, Paris, éd. présentée établie et annotée par Marius-François Guyard, Paris, Gallimard, coll. Bibliothèque de la Pléiade, 1986, pp. 189-192. Foi esta edição da obra poética de Lamartine que nos serviu neste estudo como instrumento de trabalho.
- (10) Cf. o poema de A.A. de Andrade "Flor do tumulto" in *Gazeta de Penafiel*, Penafiel, nº 11, 9 de Fev., 1870.
- (11) JANNY, Amélia — "Passando nos choupos que a limfa retrata", in *Almanach das Senhoras para 1872*, Portugal e Brazil, Lisboa, Tip. Sousa e filho, 1871, pp. 37-39. Verifica-se de facto neste texto um processo imitativo de "L'automne" de Lamartine, *op. cit.*, pp. 75-76.
- (12) Cf. GARRETT, Almeida — *Flores sem Fruto*, com "Ela", pp. 211-219 e "O Natal de Christo", pp. 225-228.

(13) Cf. PALMEIRIM, Luis Augusto — “Boas-novas” in **O Jardim das Damas**, Lisboa, nº 22, 1848, pp. 351-352. CASTELO BRANCO, Camilo — “Sonhae mil perfeições, sonhae primores” in **Hymnos e Flores**, op. cit., p. 141.

(14) Cf. CASTELO BRANCO, Camilo — “Eu vi gemer, sosinha, em desabrigo” in **Poesias Dispersas**, Porto, Tip. Part. de A. D. e Sousa Rey, 1903, pp. 123-129, com o texto lamartiniano “A. M. Félix Guillemardet Sur sa maladie” in op. cit., pp. 1109-1113.

(15) Como diz Genette em **Seuils**, op. cit., pp. 148-149, “L'épigraphe est à elle seule un signal (qui se veut indice) de culture, un mot de passe d'intellectualité”.

(16) Dizemos “todas as **Méditations** na medida em que **Méditations Poétiques e Nouvelles Méditations Poétiques** circularam quase sempre no séc. XIX como fazendo parte duma mesma recolha e portanto sentidas como sendo um todo.

(17) GENETTE, Gérard - op. cit., p. 148.